



A Menina Coração de Pássaro

Era um pássaro e era uma menina. Um pássaro de árvore de Natal que tinha perdido a mola e a vassoura, brilhante, do rabo. E uma menina, sonhadora e solitária, que falava com as flores e sabia o coração das coisas.

Como o pássaro não tinha voltado a entrar na caixa das bolas e das grinaldas prateadas, ficado por feiura ao abandono, a menina levou-o para o seu quarto. Nessa noite, aconchegou-o num gorro de lã, que virou em jeito de ninho, e lá o deixou com o biquinho de fora, para que pudesse respirar a fofidão das sombras e bebesse, pela manhã, o nascimento da luz.

O pássaro conservava o seu branco lunar, prateado e vidrento, e uma cor caramelada que se repetia no bico e nas asas. Só lhe faltava um rabo. E a menina deu-se, por tarefa, procurar-lho.

Ao outro dia, mal se levantou, pôs-se em campo e, depois de buscas aturadas por cantos e recantos, encontrou uma peninha fofa dum chapéu de palhaço e um feixe de hastes longas que dormiam num antigo baú. Misturada a peninha arfada, sopro de respiração verde e musguenta, às hastes flexíveis, como ervas tenras de primavera, mas dum vermelho palpitante e sanguíneo, o efeito era surpreendente! Tinha o que precisava.

Com muito cuidado, a menina tirou do ninho o seu protegido e com uma fita adesiva, colou-lhe o novo e sumptuoso rabo.

Magicamente, o pássaro transformou-se. Deviam ser assim as aves do paraíso. Eram com certeza. O corpo lunar recolhia, agora, todos os reflexos da luz da manhã clara e devolvia-os, numa brita lantejoulada, de arco-íris. E a menina pôs-se a amá-lo tanto que sempre que o seu coração anoitecia entrava no corpo luarento e espelhado e voava pela janela.

Que estranhas eram as noites! E que bom era voar! Não havia limites: tudo era amplo, liberto, sem fim. Espaços ora sombrios e nevoentos, ora floridos de estrelas, sucediam-se num deslumbramento. Aos pontos luminosos da noite, respondiam outros pontos, luminosos, na Terra. Eram as casas, os navios, as cidades dos homens que, vistas assim de cima, pareciam

enormes teias de aranha, preciosamente orvalhadas. Os faróis dos carros, os comboios riscando as trevas, semelhavam estrelas cadentes. E a menina aventurava-se cada vez mais e mais. Subia e respirava aquela liberdade única: a do sonho. E, duma vez, chegou às estrelas – que incendiavam o azul com seus ramos de fogo.

Num cantinho, ao deslado, estava uma estrelinha que se pôs a piscar os olhinhos, num convite mudo, mas insistente. E a menina aproximou-se com o seu estranho corpo de pássaro.

— Quem és? — perguntou a estrela. — Aqui só nos chegam os satélites dos homens. Nunca te vi.

— Não sei bem como explicar-te — atrapalhou-se a menina. — Sou pássaro e sou menina... Ou melhor, sou uma menina coração de pássaro.

— Complicado, mas bonito. Vem-me fazer companhia! Estou tão cansada de ser estrela!

Então a menina coração de pássaro, já afoita e confiante, pousou-lhe num dos ramos.

— Como podes estar cansada de ser estrela?! — censurou. — A Terra desdobra-se a teus pés, com um imenso mapa e vês a lua a mirar-se nas águas. Tu mesma lá estás dobrada como se tivesses uma irmãzinha gémea. Não gostas de te ver ao espelho?

— Todas as noites em frente de um espelho é um pouco cansativo, não achas?

— Não sei... Só sei que invejo a tua sorte, estrelinha! — suspirou a menina. — Daqui vês a Terra apertada no anel, movente, das águas. Não há nada mais belo, nem mais vasto que o mar!

— Como te enganas! Estou aqui há milhares de anos e posso dizer-te que mais vasto que o oceano é o sofrimento dos homens...

— Como pode isso ser?! — perguntou, afligida, a menina.

— O egoísmo tornou-os tão alheios e isolados que um rosto se tornou uma parede para outro rosto. Os ricos vivem longe dos pobres, ensurdecidos à dor e à miséria. Os países fecham-se, por fronteiras, e esmagam-se através de guerras e chacinas. Aqui, não me chegam os perfumes da Terra, nem a mutação, colorida, das estações. Daqui, o teu planeta é habitado por gritos e banhado por um oceano de lágrimas...

— Com toda a beleza da Terra?!

— Com toda a beleza da Terra — confirmou a estrela. — A beleza é igualada pelo sofrimento e é ele que a torna tão necessária, frágil e preciosa.

— Porquê?! Porquê?! Explica-me, estrelinha, para ver se entendo!

— Os homens deixaram-se dominar pelas máquinas que inventaram. Tornaram-se peixes e pássaros monstruosos, criaram astros artificiais. Mas não aprenderam a viver, lado a lado. E o oceano das lágrimas cresce sem cessar.

— É terrível o que me dizes. Já chorei algumas vezes — confessou a menina — mas, agora é como habitar uma lágrima. Como poderão os homens reencontrar o caminho da felicidade?

— Quem me dera sabê-lo!... Talvez precisem de uma nova imaginação, uma imaginação que não seja mecânica como a que os tornou poderosos, mas lhes secou o coração, entendes?

— Não sei bem... — respondeu, pensativa, a menina. — Quando eu era mais pequena, nos dias em que não havia sol, sentia-me muito triste e infeliz, como uma flor que não pudesse espreguiçar as suas pétalas. Desolava-me, murchava. Até que um dia imaginei que uma rosa

gigante e mágica cobria o sol. E com aquela beleza imaginada me consolava. Será uma imaginação assim que faz falta aos homens?

— ... Ah! Mas o azul empalidece, não tarda que seja dia! Ao ouvir-te esqueci o tempo. Preciso de regressar. Adeus, estrela! Gostei muito de falar contigo.

E a menina coração de pássaro levantou voo.

— Não te esqueças de voltar! — pediu a estrela.

Como poderia esquecer-se? Tinha sido uma noite estranha. Inesquecível. Depois de ter atravessado colinas de nuvens, campos de estrelas, desceu o carrossel, algodado, da Via Láctea, percorreu aquele mundo, conglomerado de brilhos leitosos, como peónias de sonho a desfolharem-se. Já com saudades. Precisava de voltar. Ai, o seu coração dividia-se, entre o céu e a Terra!, pensou a menina, enquanto entrava, novamente, no ninho do seu quarto.

O seu maior gosto era ver chegar a noite, com o seu manto de lumes que piscavam, lucilantes.

E numa coalhada de astros, voltou a visitar a sua amiga estrela.

Que leve o seu corpo vidrado! E com que perfeição o leme do seu rabinho cortava o azul!

A Terra distanciava-se, como um berlinde corre-corre, ficada longe, quando ouviu uma vozinha que se confundia com a música das esferas.

— Estou aqui! Estou aqui!

Era a estrelinha que a chamava, que agitava, num contentamento, todos os seus ramos.

— Boa noite! Estavas com medo que me perdesse? — perguntou a menina.

— Não era bem isso, coraçãozinho de pássaro, mas receava que me confundisses com o satélite que aqui mora, ao lado.

— Não seria possível! Ao pé do teu o brilho do satélite é como o dum brinquedo de lata!

— Ainda bem que não há confusão possível! Suspirava pela tua vinda — confessou a estrela.

— Também eu queria vir. Hoje na Terra estava frio, o ar era como um gume de faca. Que bem me sabe, agora, o calor de fogo dos teus ramos, estrelinha! Não há fogo que se lhe compare!

— Enganas-te — respondeu a estrela — há um fogo ainda mais quente...

— Já sei, já sei — atalhou a menina. — Não digas, deixa-me adivinhar!...

— Adivinha, então!

— É o fogo dos vulcões. Viste como fui capaz?

— Não, não é esse. Esse é o da geografia e o fogo bem de que eu falo — continuou a estrela — precisa de olhos interiores para ser visto e sentido.

— Olhos interiores?! O que se vê com olhos interiores?

— Tudo...

— Tudo?! Mesmo as dezasseis luas de Júpiter e o baloiço de Saturno, que pela distância, nunca alcançarei?

— Mesmo as dezasseis luas de Júpiter e os anéis de Saturno — confirmou a estrela. — Só a esses olhos nada é invisível.

— E qual é, então, esse fogo misterioso que só eles alcançam? Diz, depressa! Estou cheia de curiosidade...

— É o fogo da ternura e da amizade.

— O fogo da amizade é mais forte do que o dos vulcões, entranhas de lava?! — admirou-se a menina.

— Não sabias?! Apesar de todo o meu fogo eu sinto quando tu pousas numa das minhas pontas. Tu és uma menina solitária, mas quando tiveres amigos saberás, como pela amizade se pode viver. E eu que não te tive durante tanto tempo, só não me despenhei no abismo, pela companhia das minhas irmãs estrelas...

— Tu és tão engraçada! Sinto-me crescer contigo!

— Acredito! Estás a crescer pelo sonho.

— A crescer pelo sonho?! Na Terra, ensinaram-me que o que faz crescer são as proteínas... Não sabia que se crescia pelo sonho...

— Também eu não sabia que houvesse meninas coração de pássaro. Estamos quites!

— Quites, mas não desquitadas, querida estrelinha! Tu és a minha primeira amiga. Nunca te esquecerei. Hoje foi uma noite feliz, ensinaste-me a alegria!

— Mas a alegria exige partilha. Não te esqueças!

— Não me esquecerei... Já os meus olhos piscam, só o meu coração está desperto... Tenho de regressar! Até breve!

— Até breve! Até breve!

E a estrelinha dobrou todos os seus ramos para lhe acenar. E ficou-se a vê-la, vencendo, um a um, os véus diáfanos da noite. Ficou-se a seguir-lhe a peninha, arfada e verde, que parecia um limo a boiar na maré nocturna ou uma impossível, vegetal e verde, erva da Terra, nascida em liberdade, entre as flores de fogo.

O prado azul da noite estava semeado de botões de ouro, polvilhado de luminosas poeiras. E a menina coração de pássaro atravessou-o sem tristeza já. Pertencia àquele céu. Pertencia àquele mundo, feérico, chovido de cadentes voos, diferente e sem fronteiras. Para trás deixava a sua amiga e os milhões de luzeiros que, agora, semelhavam missanga rolada, e se tinham tornado pequenas cintilações, frágeis, maduras e molhadas. Também a lua ficava cada vez mais distante, mais distante. Era uma moeda ou um espelhinho de lunária, quando a menina passou as portadas da sua janela – aberta ao sonho e aos mistérios da noite...